

Foucault: companheiro de viagem amigável e perturbador

Christina Pinto da Silva Bastos

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apontar conceitos relativos à história produzidos por Foucault que instrumentalizam a produção de uma metodologia de investigação que trabalha com a história do tempo presente. A referência à viagem diz respeito às possibilidades de construção de caminhos e descaminhos no processo de produção metodológica de uma pesquisa. Os textos foucaultianos e de seus comentadores nos dão margem a criar nossos próprios caminhos. Problematicar a história a partir dos acontecimentos nos permite olhar o presente com outros olhos. Fazer da história uma experimentação para produzir conhecimento assumindo uma postura política e ética.

Palavras-chave: História; metodologia de pesquisa; conceitos foucaultianos.

ABSTRACT

Foucault: a friendly and disruptive travel companion

This article intends to point out concepts related to History which were developed by Foucault as an instrument to produce a methodology of research that deals with the history of the present time. The reference to travel indicates some possibilities of building roads and diversions in the process of a methodological production of research. The Foucaultian texts and its commentators allow us to create our own paths. Questioning History from the events gives us the opportunity to look at the present with different eyes. Making History as an experiment to produce knowledge assuming a political and ethical posture.

Keywords: History; methodology of research; Foucault's concepts.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir faz parte de um trabalho teórico apresentado à disciplina “Foucault, a história e os historiadores: pela invenção de novas genealogias” no curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UERJ. Nele busco identificar problemas e conceitos foucaultianos relevantes para a elaboração de minha tese.

Penso que ficará claro que, mais que certezas e afirmações, a leitura e contato com textos de Foucault e seus comentadores provocam, em mim, inquietações e o desejo de construir um conhecimento, a partir das práticas (discursivas ou não) que permitam continuar pensando e viajando...

VIAJANDO COM FOUCAULT

Muito já se tem falado sobre Foucault e sua obra. Artigos incontáveis sobre cada um dos seus textos. Discussões as mais variadas sobre as possíveis divisões de seus livros (por temas, por método, cronologicamente, etc). Não quero e nem posso fazer esse tipo

de abordagem, por isso resolvi tentar explicitar o “efeito Foucault”¹ em mim.

Uma das passagens mais marcantes que li nos últimos tempos, embora pareça óbvia, me marcou profundamente. Um simples parágrafo em que Foucault argumenta:

De que valeria a obstinação de saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de uma certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece? Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir (Foucault, 2004a, p. 197).

Por isso, agora passo a apresentar minhas inquietações e minhas intuições a respeito do que pretendo como experimentação, como exercício a partir das leituras-debates com os textos foucaultianos.

Certa vez conversando com uma colega, que faz seu doutorado em um outro programa, ela me perguntou se eu escreveria a minha tese na primeira pessoa do singular. Perguntei sobre o motivo de seu questio-

namento e ela me respondeu que estava preocupada com isso porque um professor lhe havia falado sobre a “questão da autoria” levantada por Foucault. Percebi que ela tomava essa discussão como uma espécie de prescrição. Em outros momentos, em sala de aula, no nosso curso também percebi que muitos colegas pareciam preocupados em descobrir verdades e modelos teóricos e metodológicos nos escritos foucaultianos. Tudo isso me tem feito pensar: para quê “serve” Foucault?

Obviamente não penso em fazer de Foucault um utensílio, mas uma ferramenta: algo que se utiliza para construir, forjar, modificar, inventar, criar. Costumo dizer que não me filio a nenhum autor, mas me alio a muitos deles para produzir meus textos e práticas; tê-los como meus companheiros e não como meus protetores. Esse pode ser um caminho arriscado, mas certamente rompe com a ilusão moderna de que pensar é uma atividade solitária, individual e íntima. Além do mais, aceito o desafio do risco, a aventura de seguir caminhos “intraçados”; aceito a possibilidade de riscar na minha trajetória, desvios, atalhos e, talvez, descaminhos. Assim, convido Foucault para ser meu companheiro nessa caminhada.

MINHAS EXPERIÊNCIAS DE VIAGEM COM FOUCAULT

Desde minha graduação tenho tido contato com os textos de Foucault. Uns achava empolgantes, outros difíceis, herméticos e até chatos. Contudo sempre tive este autor como referência.

Entre os meus interlocutores mais habituais sempre achei Guattari o mais excitante, pois sempre que o lia me sentia convocada para as batalhas da vida, especialmente as do meio acadêmico. Ultimamente, entretanto, – especialmente durante esse curso – descobri uma proximidade, até mesmo uma afinidade muito maior com Foucault. Descobri em seus textos uma vibração, uma pulsação e, além de tudo, uma proposta metodológica que muito me interessou. Descubro um Foucault que me potencializa, que me sugere que sempre é possível abrir caminhos, mesmo que sejam em zigue-zague. E daí? Qualquer caminho se faz ao caminhar. E essa tem sido a minha maior descoberta, e (por que não?) o meu maior prazer.

Em seu texto “O uso dos prazeres e as técnicas de si” Foucault indica claramente os caminhos que percorreu desde que começou a estudar o tema da sexualidade. Ele nos diz que pretendia estudar a sexualidade como uma experiência histórica, entendendo experiência como “a correlação, em uma cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (Foucault, 2004a, p.193). Para estudar esta temática o autor considera que seria necessário

analisar: “a formação dos saberes que se referem a ela, os sistemas de poder que regulam a sua prática e as formas nas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade” (Foucault, *ibid.*)

Em minha tese trabalho com uma temática distante da sexualidade, entretanto considero esta uma passagem importante para discutir a minha temática,² pois identifico que nesse trecho de seu texto Foucault aponta três eixos de análise: a formação dos saberes (que identifico com o eixo teórico), os sistemas de poder que regulam as práticas (que relaciono com o eixo político) e as formas nas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos, no meu caso, professores num contexto de reforma de ensino (que considero como o eixo da ética). Estes são aspectos que estão diretamente relacionados à temática estudada. Certamente os três eixos de análise se misturam, mas me parece ser importante tê-los como referência no processo da pesquisa. As análises micropolítica e macropolítica aí estão presentes.

Mais adiante, no mesmo texto, Foucault aponta, o que para mim é, sua proposta metodológica: “analisar não os comportamentos nem as idéias, não as sociedades nem suas “ideologias”, mas sim as *problematizações* através das quais o ser se apresenta como podendo e devendo ser pensado, e as *práticas* a partir das quais elas se formam. A dimensão arqueológica da análise permite as próprias formas da problematização; sua dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações” (Foucault, *op. cit.*, p. 199). A partir dessas considerações penso que é possível fazer a discussão dos documentos, referentes à proposta de reforma de ensino, da secretaria de educação do município de Chapecó e, também das entrevistas realizadas com os dirigentes daquele órgão, como parte das estratégias de poder e de governo – análise da dimensão arqueológica. Por outro lado, as entrevistas com os professores poderiam ser analisadas visando as táticas de enfrentamento, resistência e criação dos sujeitos – análise da dimensão genealógica. Em outros termos, talvez possa dizer que uma dimensão da análise se refere à microfísica (arqueologia) e a outra se refere à micropolítica (genealogia). Obviamente não parto de uma visão maniqueísta ou romântica – de um lado o governo e o poder e de outro os professores e suas “defesas”, mas de uma perspectiva que busca esmiuçar como essas forças se embatem na configuração de um novo horizonte de possíveis.

FOUCAULT E A HISTÓRIA EM MEU TRABALHO – EMBARCANDO A BAGAGEM...

Foucault nega a história? Esse pode ser um bom debate! Sim, debate e não polêmica, pois como o pró-

prio autor observa que a polêmica tem se tornado “uma figura parasitária da discussão e obstáculo à verdade”. Na polêmica faz-se “...do outro um inimigo portador de interesses opostos contra o qual é preciso lutar até o momento em que vencido, ele nada mais terá a fazer senão se submeter ou desaparecer” (Foucault, 2004b, p. 226).

Portanto, não vamos polemizar, mas, ainda no espírito do início deste texto, procurarei destacar o que me toca, na perspectiva de Foucault sobre a história. Sendo assim, abordarei três aspectos que, me parece, fazem de Foucault um historiador positivista (no melhor sentido da palavra), pois ao produzir história produz fatos que nos convocam a uma postura política e ética – ou como ele mesmo diz “a política como uma ética”.

O primeiro aspecto diz respeito à questão da problematização. Roger Chartier (2002) observa que a noção de problematização aparece tardiamente – entre 1982 e 1984 – nos textos de Foucault. Na verdade, o próprio Foucault reconhece, retrospectivamente, que a proposta de estabelecer “as relações do pensamento com a verdade aparecem “...como o que foi o verdadeiro fio condutor da obra” (Chartier, 2002, p. 194).

Foucault define o termo da seguinte forma:

Problematização não quer dizer representação de um objeto preexistente, nem tampouco a criação pelo discurso de um objeto que não existe. É o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento (seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política, etc.) (Foucault, 2004c, p. 242).

Foucault substitui a prática dos historiadores que, em geral, se propõem um objeto e a partir daí procuram elucidar e responder aos problemas que esse objeto coloca. Ao contrário, é a partir a problematização que Foucault elege objetos e procura caminhos metodológicos para analisá-los.

É nesse sentido que o meu trabalho colocando o problema: que efeitos, na micropolítica do cotidiano, a reforma de ensino tem produzido? Penso que a partir dessa problematização os objetos vão se delineando e ao mesmo tempo vou processando caminhos para analisá-los.

Outro aspecto, relativo à história, proposto por Foucault refere-se à noção de acontecimento. No lugar de estudar a história a partir de longas séries ou de grandes períodos, Foucault propõe que pensemos em termos de acontecimentos:

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas

uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra os seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem nem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas também não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm o aspecto de um resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento (Foucault, 1979, p. 28).

Colocar em questão as forças que estão em jogo na história implica em buscar não as causas e consequências de um determinado evento, mas em procurar apontar quais práticas devem ser observadas e analisadas na expectativa de explicitar como os saberes e fazeres nos constituem como sujeitos em uma determinada época, em uma determinada sociedade. Essa perspectiva desloca a pretensão de universalização e de totalização do real, tão cara aos historiadores tradicionais.

No caso do meu problema de pesquisa cabe perguntar: que práticas se explicitam na micropolítica do cotidiano dos professores e que efeitos se produzem a partir delas? Nesse sentido penso que se aproxima, e se pode lançar mão, como instrumento de análise, do conceito de analisador proposto pela Análise Institucional.

Rompendo mais uma vez com a tradição histórica, Foucault me desperta a atenção para um outro aspecto a ser considerado: a noção de temporalidade.

No próprio domínio dos historiadores a discussão sobre os “tempos da história” não é uma questão tranquila. Hoje existem historiadores que trabalham com projetos de história do tempo presente e com a história do cotidiano. Isso exige a mudança não só de temas e objetos, mas também de ferramentas metodológicas (como fontes orais, por exemplo). Talvez a pretensão de garantir à disciplina histórica um status de cientificidade, tenha imputado aos historiadores uma prática que os distanciasse do risco de, ao utilizar fontes orais, cair num simples relato jornalístico ou numa crônica ficcional. Daí a necessidade de recorrer predominantemente às fontes escritas (documentos) dispostas em séries e submetidas às técnicas de quantificação, na tentativa de “descrever e entender” as estruturas nos processos de *longa duração* – pois para eles o perigo de não poder precisar a importância de um fenômeno a longo prazo, impossibilita ao historiador lidar com questões contemporâneas. Daí os estudos da *École des Annales* – que ganha força a partir da França, no final dos anos 20 do séc. XX – se concentrar sobre os períodos medieval e moderno. “A justificati-

va para tal posicionamento era a concepção de que uma história só nasce para uma época quando já está totalmente morta...” (Ferreira, 1994, p. 2).

A pretensão de uma história total e geral, como parte de um “discurso universalista do Ocidente” (Ferreira, idem, idem) tornava necessária a noção de que a história necessitaria recorrer às “estruturas duráveis” para fazer as relações entre passado e presente e, prognosticar o futuro. Contra essa perspectiva apaziguadora Foucault nos provoca:

Acreditamos que o nosso presente se apóia em intenções profundas, em necessidades estáveis; pedimos aos historiadores para nos convencer disso. Mas o verdadeiro sentido histórico reconhece que vivemos sem referências nem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos (Foucault, 2000a, p. 273).

Como na perspectiva da história do tempo presente, os micro-historiadores têm a preocupação de trazer o homem concreto e vivo para a história e apreender através das suas diversas interações com sua coletividade que dinâmicas sociais estão em jogo, quais são as margens de escolha e participação das pessoas frente a determinado evento. Nas palavras de Jacques Revel (1998) “levando em conta em suas análises uma pluralidade de destinos particulares, eles [os micro-historiadores] procuram reconstituir um espaço de possíveis – em função dos recursos próprios de cada indivíduo ou de cada grupo no interior de uma configuração dada” (p. 26). Esta é uma boa forma de analisar como, a partir das relações dos professores no seu grupo social, um horizonte de possíveis se faz presente no cotidiano do espaço escolar.

Retornando nesse ponto ao meu companheiro de viagem, Foucault observa que devemos reconhecer que há na atualidade muitos fenômenos interessantes e intrigantes a serem analisados. Não se trata de caracterizar o tempo em que vivemos em termos ufanistas ou melancólicos e nostálgicos:

O que eu gostaria também de dizer, a propósito dessa função do diagnóstico sobre o que é a atualidade, é que ela não consiste simplesmente em caracterizar o que somos, mas, segundo as linhas de vulnerabilidade da atualidade, em conseguir apreender por onde e como isso que existe hoje poderia não ser mais o que é. E é nesse sentido que a descrição deve ser sempre feita de acordo com essa espécie de fratura virtual, que abre um espaço de liberdade, entendido como espaço de liberdade concreta, ou seja, de transformação possível (Foucault, 2000b, p. 325).

Acompanhando Foucault, penso que o presente está repleto de questões que podemos e devemos in-

vestigar. Forjadas, pelas diversas práticas cotidianas, verdades são estabelecidas e passam a constituir os sujeitos de diversas maneiras, que tomamos como naturais. Parece-me que a proposta foucaultina em relação à história não é a reconstrução do passado, mas, ao contrário – inquietando-se com o cotidiano – inquietar o presente mostrando sua fragilidade, sua “não-naturalidade”. Nesses termos Foucault propõe uma genealogia do presente, a partir do estudo de uma ontologia histórica:

Primeiramente, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com a verdade, que permite que nos constituamos como sujeitos de conhecimento; a seguir, uma ontologia histórica de nós mesmos em nossas relações com um campo de poder, onde nos constituímos em sujeitos enquanto agimos sobre os outros; enfim uma ontologia histórica de nossas relações com a moral, que nos permite que nos constituamos como sujeitos éticos (Foucault, apud Chartier, 2002, p. 197).

Penso que voltamos à questão de como se fazer, metodologicamente, o trabalho de pesquisa histórica, considerando sempre os três eixos de análise e suas dimensões: a formação dos saberes (dimensão arqueológica), os sistemas de poder que regulam as práticas (dimensão genealógica) e as formas através das quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos em seu tempo histórico (dimensão ética).

Certamente essa viagem está seguindo seu curso e tenho parado em diversas encruzilhadas e se por um lado pode ser divertido, por outro lado pode ser bem cruel, pois para Foucault:

Pensar não consola nem torna feliz. Pensar se arrasta languidamente como uma perversão; pensar se repete diligentemente em um teatro; pensar se joga fora do copo de dados. E, quando o acaso, o teatro e a perversão entram em ressonância, então o pensamento é um transe; e vale a pena pensar (Foucault, 2000c, p. 251).

REFERÊNCIAS

- Chartier, R. (2002). *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Ferreira, M. (1994). História oral e o tempo presente. In Ferreira, M. (org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.
- Foucault, M. (2000a). Nietzsche, a genealogia, a história. In *Ditos e escritos*, (Vol. II). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2000b). Estruturalismo e pós-estruturalismo. In *Ditos e escritos*, (Vol. II). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2000c). *Theatrum philosophicum*. In *Ditos e escritos*, (Vol. II). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004a). O uso dos prazeres e as técnicas de si. In *Ditos e escritos*, (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

- Foucault, M. (2000b). Polêmica, política e problematizações. In *Ditos e escritos*, (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2004c). O cuidado com a verdade. In *Ditos e escritos*, (Vol. V). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In *Microfísica do Poder*, (7ª ed.). Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- Rago, M. *Foucault, história e anarquismo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.
- Revel, J. (org.) *Jogo de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

Recebido em: dez./2007. Aceito em: mar./2008.

Notas:

- ¹ Tomando de empréstimo o conceito, da Análise Institucional, considero *efeito* como um fenômeno singular e circunstancial em função das condições e do momento em que se produz. Lembro aqui, também, de um artigo de Margareth Rago “O efeito Foucault na historiografia brasileira.”
- ² Micropolítica no cotidiano escolar: os efeitos de uma reforma de ensino na vida dos professores em Chapecó-SC.

Autora:

Christina Pinto da Silva Bastos – Doutoranda em Psicologia Social do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (PPGPS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Fonte de financiamento da pesquisa: CAPES.

Endereço para correspondência:

CHRISTINA PINTO DA SILVA BASTOS
Rua São Francisco Xavier, 524, 10º andar – Bloco B/10019 – Maracanã
CEP 20550-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: christina_bastos@uol.com.br